



Idéias&Livros

Kenneth Light
descreve a viagem
da família real e
valoriza D. João

Página 11

HISTÓRIA

Há 200 anos, o rei veio a terra

Livro de Kenneth Light segue a linha de valorização do papel desempenhado por dom João no episódio da transferência da corte. O historiador alimenta a polêmica que envolve o número de pessoas que vieram de Lisboa: para ele, foram 14 mil

Alvaro Costa e Silva

A pintura aí de cima representa a obsessão do historiador Kenneth Light pela chegada da corte portuguesa ao Rio, tema que estuda há 10 anos. Kenneth – que nasceu carioca e foi criado na Inglaterra – encomendou ao artista Geoff Hunt RSMA uma tela que priorizasse pequenos e grandes detalhes do evento histórico.

Sutilmente, estão retratados a força e a direção do vento, a luminosidade e as condições do mar naquele 8 de março de 1808. No centro da obra, temos a nau *Príncipe Real*, que comportava 104 passageiros e 950 tripulantes e que acabara de fundear. Do lado esquerdo, a nau *Marlborough*, que se encontrava na baía, dispara uma salva. Do lado direito, pode se observar a *Afonso de Albuquerque*, que começa a ferrar suas velas em preparação para entrar no vento e fundear. Atrás, a *Medusa* e a fragata *Urânia*, que escoltou a *Príncipe Real* durante toda a viagem. Mais ao lado, vemos *Bedford*, também uma escolta. O Forte de Villegaignon, que não mais existe, também salva a chegada do príncipe ao Brasil. No horizonte, o litoral de Niterói, a entrada da baía e o Pão de Açúcar.

A pintura ilustra a capa de *A viagem marítima da família real*, recém-lançado na leva de publicações que discute a vinda da corte (*confira outros títulos na página 6*).

Já nas primeiras linhas, como a dizer que não quer deixar dúvidas, Kenneth escreve: “Como muitas vezes acontece, o passar do tempo ilumina e esclarece. Os primeiros críticos, talvez por estarem próximos demais dos acontecimentos, interpretaram-no de forma negativa; não enxergaram a grandeza e a coragem da decisão tomada por dom João, comprovada pelos eventos subsequentes”.

E, portanto, mais um trabalho que reavalia favoravelmente o papel de dom João. Vale lembrar que diversos historiadores registram que, já no exílio, Bonaparte declarou que sua queda começara quando ele invadiu Portugal e tentou acabar com a dinastia dos Bragança.

Se não importassem para mais nada – mais ainda, se fossem apenas “uma armação de carioca”, como sugeriu o historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello – as comemorações do bicentenário da chegada da corte já bastariam por repor o futuro rei João VI em seu devido lugar na História.

Na mais polêmica das questões relativas ao assunto, Kenneth está seguro: crava 14 mil como o número de cidadãos, entre homens, mulheres e crianças, que empreenderam a longa jornada no mar.

A viagem marítima da família real
Kenneth Light. Jorge Zahar.
280 páginas. R\$ 42.

PENSATA

Qual o melhor bacalhau?

Duzentos anos atrás, eles chegaram. Num 8 de março, como hoje. Nos 13 anos seguintes, o que mudou na cidade, que de província colonial passou à condição de capital do único reino europeu nos trópicos, estamos carecas de saber. Criaram a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico, a Casa da Moeda, o Banco do Brasil. Puxando a sardinha para mais perto da brasa deste teclado, instalaram a Imprensa Régia, que passou a publicar, a partir de 10 de setembro de 1808, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso no Brasil. O poder deitou e rolou entre nós, com tudo aquilo que traz de bom e de ruim.

Mas, além disso, a chegada da corte foi responsável por um certo jeito lusitano, quase vascaíno, que estas plagas começaram a assumir. Uma maneira de derrubar vinho verde na mesa. Um estado de espírito – mais um, entre tantos que baixam no carioca – que resiste até hoje.

O que há em Lisboa? De acordo com Ivan Lessa, bondinho, ladeira, pedrinha de rua, botequim com periquito na porta, azulejo, cheiro de peixe, cheiro de mijo, cheiro de azeite, mulher com bigode.

Procurando bem, aqui também tem, sendo o último item o mais difícil de encontrar – mas que tem, tem. Recomenda-se uma passadinha na padaria São Luís, no Largo do Machado: a balconista é um buço.

Elizeth Cardoso, atualmente mui lembrada pela gravação de *Chega de saudade*, com aquele cara do vilão ao fundo, é, cá pra nós, muito mais cantora de fado que de bossa nova.

Eles já estavam aqui e, depois do marco que representou a vinda da família real, passaram a chegar em número muito maior. Infelizmente – ou felizmente, para quem é chegado numa miscigenação – a esmagadora maioria de imigrantes portugueses era de homens sozinhos, os quais, entre 1820 e 1972,

contabilizaram um terço dos 5,6 milhões estrangeiros que chegaram ao país, segundo dados do livro *Os lusíadas na aventura do Rio de Janeiro*.

Ainda há o sotaque. Filólogos de truz garantem que, no Rio, fala-se como falava a corte portuguesa em Lisboa, não apenas na época do

Descobrimento mas também no início do século 19. É o famoso S chado (o efeito da voz, não o largo lisboeta que um incêndio quase destruiu em 1988).

Fulo da vida porque uma bela portuguesinha não lhe dava bola, na Paris dos anos 50, Rubem Braga elaborou uma prova definitiva: "Recite *Os lusíadas* ao ritmo do atual falar português que fica todo de pé quebrado! Camões metrificou o poema no ritmo do falar de então, que veio a ser o nosso".

Depois dessa, é seguir para o Sentai, pedir uma garrafa de Periquita e um prato de bacalhau que nós, modestamente, sabemos preparar melhor.

Pois, pois, *memão*.



PERFEIÇÃO – Quadro de Geoff Hunt reproduz em detalhes o evento da chegada da corte.